



H. G. WELLS

O Bacilo Roubado

FREE BOOKS

O BACILO ROUBADO

H. G. Wells

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL
CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: O Bacilo Roubado.

Autor: H. G. Wells (1866 – 1946).

Tradutor: Autor desconhecido do séc. XX.

Fonte: “Vida Policial”, edição de 17 de julho de 1926.

Imagem da capa: Roman Oza/Pixabay.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 66.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e 43, *caput* da Lei nº 9.610/1998).

Ano: 2019.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/>

<http://www.contosdeterror.site/>,

<http://www.contosdeterror.com.br/>

Sumário

O BACILO ROUBADO.....	5
SOBRE O AUTOR.....	26

O BACILO
ROUBADO

— Isto — disse o bacteriologista, pondo uma placa de vidro debaixo do microscópio — é o celebre bacilo do cólera, o germe do cólera.

O visitante, pálido, curvou-se curiosamente para o instrumento. Evidentemente, não estava habituado a essas coisas. Tapou o olho que ficava livre, com a mão branca.

— Não vejo quase nada — disse.

— Torça o parafuso — replicou o bacteriologista.

— Sem dúvida, o microscópio não está graduado para os seus olhos. As vistas das pessoas variam. Menos uma volta para um lado ou para outro e...

— Ah! agora vejo — exclamou o outro. — Ademais, nem há muito que ver. Pequenos filamentos, risquinhos róseos... E esses pequenos animais, esses simples

átomos, no entanto, podem multiplicar-se e devastar uma grande cidade! É pavoroso!

Ergueu-se e, retirando a placa do instrumento, segurou-a entre os dedos, olhando-a, voltado para a janela.

—Mal se distingue, alguma coisa — falou, examinando a cultura.

Hesitou. Depois:

—Estarão vivos? São perigosos neste estado?

—Não, estes foram coloridos e mortos — respondeu o bacteriologista. — Pudéssemos nós colorir matar todos os que existem.

—Penso — continuou o homem do rosto pálido — que vocês preferem não ter ao redor esses bichos vivos, ou no seu período de inocuidade.

—Não, pelo contrário, somos obrigados a tê-los assim. Olhe, por exemplo...

Atravessou a sala e apanhou entre outros um tubo lacrado.

—Aqui está o bacilo vivo. É uma cultura das bactérias da epidemia ora reinante... Cólera engarrafado, na verdade.

Imperceptível lume de satisfação iluminou rapidamente o rosto do desconhecido.

—É o mesmo que ter em seu poder um veneno mortal — disse, devorando com os olhos o pequeno tubo.

O bacteriologista notou-lhe nos traços uma expressão de maldosa alegria. Recebera esse homem com uma carta de apresentação de velho amigo e ele o interessava pelas suas atitudes, a que não

estava habituado. Seus cabelos negros e lisos, seus olhos cinzentos e profundos, seu ar distraído, seus gestos nervosos, a atenção intermitente e febril, tudo dele fazia um personagem bem diverso dos impassíveis homens de ciência, em cujas discussões estava de continuo envolto. Era natural, diante de um visitante impressionado visivelmente pela virulência do bacilo, dramatizar um pouco as coisas.

Tomou o tubo com ar pensativo.

—Sim, aqui está a peste cativa. Quebre um pequenino recipiente destes num reservatório de água potável. Diga esses animáculos, tão tênues que, para distingui-los, somos obrigados a examiná-los com os mais poderosos instrumentos; digei-lhes: ide, cresci, multiplicai-vos, pulula nas águas; a morte, a morte

misteriosa, impalpável, rápida e repelente, seria atirada sobre a cidade e por ela toda procuraria vítimas. Aqui, tomaria o marido à esposa, ou o filho à mãe. Ali, roubaria o estadista ao seu dever e o operário à sua oficina. Seguiria pelos encanamentos de água, deslizando ao longo das ruas, escolhendo e punindo esta ou aquela casa onde se não faz ferver o liquido potável, contaminando a salada que se lava, dormindo num pedaço de gelo. Esperaria, prestes a ser bebida pelos cavalos nos tanques e pelas crianças imprudentes nos chafarizes públicos. Infiltrar-se-ia na terra, para reaparecer nas fontes, nos poços, em mil lugares imprevistos. Dê-lhe como ponto de partida uma caixa de água e, antes que a possamos prender e encadear, terá dizimado a capital.

O bacteriologista parou bruscamente.

Bem lhe diziam que tinha o defeito de fazer frases.

—Mas o flagelo, aqui, está bem guardado. O estranho de rosto pálido aquiesceu com a cabeça. Seus olhos brilharam. Tossiu.

—Esses miseráveis anarquistas — disse — são imbecis e cretinos servindo-se de bombas, quando têm dessas coisas ao seu alcance. Imagino...

Bateram à porta com a ponta dos dedos. O bacteriologista foi abrir.

—Um minutinho, meu amigo, um minutinho — ciciou sua mulher.

Quando reentrou no laboratório, o visitante olhava o relógio.

—Não pensei fazer-vos perder uma hora inteira. São doze para as quatro e

deveria ter partido às três e meia. Mas o que você me mostrou é realmente muito interessante... Não, positivamente, não posso ficar mais nem um minuto. Tenho um encontro marcado para as quatro horas.

E saiu, renovando seus agradecimentos. O bacteriologista, após tê-lo acompanhado até a porta, voltou, pensativo, pelo corredor, ao laboratório. Refletia sobre o caráter étnico do seu visitante. Certamente, esse homem não tinha o tipo saxão, nem o latino comum.

— Produto mórbido, que faz receio — disse a si próprio. — Como chocava com os olhos as culturas de peste!

Então, uma ideia perturbadora lhe veio ao espírito. Voltou à mesinha fixada perto da estufa; depois, depressa, à mesa de trabalho. Mergulhou as mãos nos

bolsos e, de repente, precipitou-se para a porta.

— Talvez o tenha deixado na mesa do vestíbulo... Minnie! — gritou roucamente, na antecâmara.

— Pronto, querido! — respondeu uma voz afastada.

— Não tinha eu alguma coisa na mão, quando te falei há pouco, querida?

Silêncio.

— Não. Nada, que eu me lembre...

— Maldição! — explodiu o bacteriologista. Incontinentemente, correu à porta da rua e desceu os degraus da escada como doido.

Minnie, ouvindo a porta bater violentamente, precipitou-se muito inquieta para a janela. Ao longe, na rua, um homem pequeno entrava num táxi. O bacteriologista, sem chapéu, de chinelos

de tapete, corria, fazendo gestos, naquela direção. Perdeu até uma sandália, sem parar.

— Enlouqueceu — pensou Minnie. — Foi a sua abominável ciência!...

Abrindo a janela, ia chama-lo. De repente, o homem pequeno pareceu atingido, olhando em volta de si, pela mesma desordem mental. Com gesto breve, apontou com o dedo o bacteriologista, disse qualquer coisa ao cocheiro, a capota do cabriolé fechou-se, o chicote estalou, saiu fogo das ferraduras do cavalo e, num ápice, sábio e cabriolé perderam-se de vista, além da esquina.

Minnie ficou um minuto curvada para fora da janela. Depois, recolheu a cabeça, assombrada.

— Evidentemente, é original — pensava. — Porém, correr através de

Londres, em plena estação elegante, de chinelos!

Teve uma boa ideia. Em dois momentos, pôs o seu chapéu, apanhou os sapatos do marido, foi ao vestíbulo tomar o sobretudo e o chapéu do sábio, saiu e chamou um táxi, que, felizmente, passava.

—Leve-me até o fim da rua e dobre a esquerda do Havelock Crescent. Vamos procurar um senhor que corre sem chapéu, com um casaco de veludo.

—Casaco de veludo e sem chapéu, muito bem, minha senhora.

O cocheiro tocou o cavalo e partiu rapidamente, como se diariamente levasse gente a endereço semelhante. Alguns minutos mais tarde, os cocheiros e desocupados, reunidos ao redor do ponto de parada de Havrstock Hill, ficaram surpreendidos, vendo passar um carro

puxado por uma grande pileca alazã, em desabrida carreira. Calaram-se à sua aproximação e, depois que se afastou, perguntou o gordo pai Tootles:

—É Harry Hicks. Que diabo terá?

—Ah! Safa! Serve-se do chicote! E o regulamento? — falou um moço de estrabaria.

—Ora! — disse o pobre velho Tommy Byles.

— Outro Maluco, sem dúvida.

—Pois não, e é o velho Jorge — notou o pai Tootles. —Conduz mesmo outro maluco, tendes razão. Seu freguês gesticula como doido. Aposto que é Harry Hicks quem ganhará a corrida.

O grupo em redor do refúgio dos cocheiros agitou-se.

—Anda, Jorge! É um páreo. Pegal-o-ás?

—Chicoteia! —Cavalo para correr! — exclamou o moço de estrebaria.

—Ah! Fico doido por minha vez! — clamou o pai Tootles. — Daqui a pouco vou ou também. Mais outro maluco! Terá endoidecido esta tarde todos os cocheiros de Hampstead?...

—Desta vez é uma senhora — fez notar o palafrenero.

—Segue o marido — disse o pai Tootles. — Ordinariamente, acontece o contrário.

—Que tem ela na mão?

—Parece uma cartola.

—Que comedia será essa? Aposto três contra um que o velho Jorge ganha — falou o palafrenero.

E depois?

Minnie passou no meio de uma tempestade de aplausos. Não gostou,

porém, tinha consciência de cumprir seu dever e continuou a descer por Haverstock Hil e pela grande rua de Camder Town, com os olhos sempre fixos nas costas agitadas do velho Jorge, que lhe raptava daquela insólita maneira seu marido louco. O homem da primeira carruagem se encolhera a um canto, de braços cruzados, se segurando preciosamente na mão o pequeno tubo que continha tão poderosos germens de destruição. Seu estado de espirito era um misto singular de medo e alegria. Tinha medo sobretudo de ser apanhado, antes de poder executar seu projeto; porém, no fundo, sentia receio mais vago e mais geral ao pensar na enormidade de seu crime. A alegria era maior que o pavor. Nenhum anarquista, antes dele, tivera ideia comparável à sua. Ravachol, Vailant,

todos os personagens distintos, cuja gloria às vezes invejava, eram uns pobres coitados diante dele. Bastava-lhe achar um reservatório de água e nele lançar o conteúdo do pequeno tubo. Com que habilidade combinara seu plano, fabricara a carta de apresentação, penetrara no laboratório! Com que ousadia aproveitara a oportunidade! Enfim, o mundo ia ouvir falar dele! A morte! A morte! A morte! Ah! sempre o haviam tratado como homem de bem pouca importância. O mundo inteiro *conspirava* para *abafá-lo*. Mostraria, no entanto, que crime se comete, repelindo um homem. Que rua era aquela? Conhecia-a bem. Era, sem dúvida, a grande rua de Santo André! Onde estavam os perseguidores? Pôs a cabeça fora do carro: o bacteriologista vinha apenas a 50 metros atrás. Mau negócio! Ia

ser preso e os seus projetos estariam frustrados! Procurou dinheiro no bolso: só achou meio soberano. Pelo buraco do teto do cabriolé, mostrou-o ao cocheiro:

—E mais outros — gritou — se escaparmos!

O cocheiro arrancou-lhe a moeda e disse:

—Muito bem!

O buraco fechou-se, o chicote estalou em todo o comprimento sobre o dorso luzidio do cavalo. O carro pulou. Meio levantado, o anarquista, afim de conservar o equilíbrio, segurou-se à capota com a mão em que tinha o tubo de vidro. Ouviu-o estalar e sua metade quebrada caiu no fundo da carruagem. Ele escorregou para os coxins do fundo com uma praga e olhou, horrorizado, as duas ou três gotas

do liquido jazentes sobre a capota. Tremeu.

—Bem, serei a primeira vítima! Em todo o caso, morrerei mártir! É já alguma coisa... Mas é, no fundo, tolo modo de morrer. Isto fará mesmo o mal que dizem?

De súbito veio-lhe uma ideia. Procurou, às apalpadelas, entre os pés. Pequena gota ficara no fundo do vidro partido. Bebeu-a para certificar-se do efeito. Valia mais estar certo. Assim, não falharia.

Então, pareceu-lhe inútil fugir ao bacteriologista. Em Welington Street fez parar o táxi e desceu. Escorregou no degrau e sentiu-se diferente. Era na verdade um rápido veneno, o cólera. Com a mão fez um sinal de adeus ao cocheiro, supremo adeus, por assim dizer, e ficou no passeio, braços cruzados ao peito,

esperando a chegada do sábio. Havia na sua atitude qualquer coisa de trágico. A sensação da morte próxima dera-lhe certa dignidade. Saudou o bacteriologista com um riso de desafio.

— Viva a anarquia! Chega tarde, meu amigo. Bebi! O cólera está desencadeado!

Do seu carro, o bacteriologista olhou-o curiosamente, através dos óculos.

— Você bebeu! É um anarquista. Compreendo agora.

La acrescentar qualquer coisa e deteve-se. Um sorriso aflorou-lhe no canto dos lábios. Abriu a porta do carro, como para descer. Então, o anarquista enviou-lhe um adeus dramático e correu na direção da ponte de Waterloo, tendo o cuidado de esfregar o corpo contaminado no maior número de pessoas possível.

O bacteriologista ficou tão aterrado com esse espetáculo que não manifestou a menor surpresa, vendo aparecer sua mulher com o chapéu, os sapatos e o sobretudo.

—Que amabilidade, trazer-me tudo isto!

E ficou perdido na contemplação do anarquista, que se afastava.

—Faria melhor voltando para casa — disse ele, olhando sempre o fugitivo.

Minnie ficou persuadida que ele estava maluco e deu ordem ao cocheiro de conduzi-lo à casa.

—Pôr os sapatos? Certamente, querida — acrescentou ele, no momento em que o carro, começando a rodar, lhe não permitia mais avistar o ponto, negro, que era o anarquista, ao longe. Então, de repente, uma ideia grotesca feriu o espírito

do bacteriologista e ele começou a rir. Depois, falou:

—É sério... Você sabe, esse homem que veio visitar-me? Pois bem, é um anarquista... Não vale a pena você ficar surpresa, senão lhe não posso contar o resto. Não sabendo quem era, quis assombrá-lo. Tomei uma cultura dessa bactéria nova, de que há pouco tempo falei, que é um veneno e produz, penso, manchas azuladas em diversas espécies de macacos e, como um imbecil, disse que era o cólera da Ásia. Meu visitante fugiu com um tubo para envenenar a água de Londres e sem dúvida ia fazer mudar de cor a pele de todos os habitantes desta cidade civilizada. Acaba de engolir a droga. Evidentemente, não posso prever o que acontecerá; mas você conhece o efeito produzido na pele do gatinho e de três

cachorrinhos: manchas? Ah! E o pardal... O pior é que tenho de preparar à minha custa outra cultura. Pôr sobretudo com este calor! Por quê? Porque podemos encontrar a senhora Jabber. Querida, a senhora Jabber não me constipará. E para que um sobretudo com este calor por causa da senhora... —Está bem, não insisto.

SOBRE O AUTOR

Herbert George Wells (1866 — 1946), conhecido como **H. G. Wells**, é sobretudo conhecido por suas magníficas obras de ficção científica: “A Máquina do Tempo”, “A Ilha do Dr. Moreau”, “O Homem Invisível” e “A Guerra dos Mundos” são, indiscutivelmente, obras-primas do gênero. Em “O Bacilo Roubado”, Wells antecipa — embora com muito bom humor — o que viria a ser uma realidade: o terrorismo bacteriológico.

